

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012**Programa DESEJA.CA: dissolução dos limites entre arte, design,  
arquitetura e urbanismo**

*DESEJA.CA Program: dissolving the boundaries between art, design, architecture and  
urbanism*

*Programa DESEJA.CA: la disolución de las fronteras entre el arte, el diseño, la,  
arquitectura y el urbanismo*

1 Juliana Torres de MIRANDA

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP; Professora adjunta da UFMG;  
jutorres@ufmg.br

2 Natacha RENA

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC\_SP; Professora adjunta da UFMG e da FUMEC;  
natacharena@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo apresenta uma experiência de ação extensionista e militante – o Programa DESEJA.CA (Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá) da UFMG - que se fundamenta na crença de que é possível uma ação capaz de promover, localmente, uma forma alternativa de desenvolvimento em territórios onde se faz presente a pobreza e a segregação social. Esta ação parte do encontro entre os universos da Arte, do Design, da Arquitetura e do Urbanismo sob uma perspectiva filosófica e sociológica neomarxista, em que interessam atributos sociais, ambientais, políticos e econômicos. Discutindo o Programa através de seus pressupostos teóricos, pretende-se contribuir ao debate sobre os processos de produção do espaço urbano e as contraposições aos seus mecanismos segregadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** desenvolvimento sustentável, design social, arquitetura social.

**ABSTRACT**

*This article presents an experience of academic and militant praxis - DESEJA.CA Program (Sustainable Development and Social Enterprise at the Jardim Canadá) from UFMG - which is based on the belief that an action can be able to promote, locally, an alternative form of development in territories where there are poverty and social segregation. This action begins from the encounter between the worlds of Art, Design, Architecture and Urbanism in a neo-Marxist sociological and philosophical perspective, being important attributes of interest in social, environmental, political and economical aspects. Discussing the program through their theoretical assumptions, we intend to contribute to the debate on the processes of production of urban space and on the contrapositions to their mechanisms of social segregation.*

**KEY-WORDS:** sustainable development, social design, social architecture

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012**RESUMEN:**

*Este artículo presenta una experiencia de acción y cooperación académica militante - Programa DESEJA.CA (Desarrollo Sostenible y la Empresa Social en el Jardim Canadá) de la UFMG - que se basa en la creencia de que una acción puede ser capaz de promover, a nivel local, una forma alternativa de desarrollo en los territorios dónde hay segregación, pobreza y exclusión social. Esta acción empieza del encuentro entre los mundos de Arte, Diseño, Arquitectura y Urbanismo en una perspectiva neo-marxista, sociológica y filosófica, donde los atributos que son de interés son la vida social, la política, el medio-a ambiente y el económico. Discutiendo el programa a través de sus supuestos teóricos, pretendemos contribuir al debate sobre los procesos de producción del espacio urbano y las contraposiciones de sus mecanismos de segregación.*

**PALABRAS-CLAVE** desarrollo sostenible, diseño social, arquitectura social.

**1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo apresenta uma experiência extensionista e militante que se baseia na crença de que é possível uma ação capaz de promover, localmente, uma forma alternativa de desenvolvimento em territórios onde se faz presente a pobreza e a segregação social. Esta ação que, embora não se caracterize dentro de um campo disciplinar específico, pois é essencialmente multi e transdisciplinar, parte do encontro entre os universos da Arte, do Design, da Arquitetura e do Urbanismo, sob o cruzamento de perspectivas filosóficas que envolvem uma posição neomarxista com ênfase no pós-estruturalismo deleuzeano.

Trata-se do Programa extensionista DESEJA.CA - Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá – da Escola de Arquitetura da UFMG<sup>i</sup>. Este é um programa em uma localidade estratégica da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que nasceu de uma parceria entre a Escola de Arquitetura da UFMG e o JA.CA\_Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá, com o objetivo de atuar de diversas maneiras para colaborar com a melhoria na qualidade de vida dos moradores do bairro Jardim Canadá. Desenvolve diversas atividades práticas, envolvendo ensino, pesquisa e extensão, que auxiliam positivamente no desenvolvimento local, em parcerias com atores múltiplos (empresas, estado, associações e instituições culturais), inserindo o design, a arquitetura e o urbanismo numa perspectiva em que interessam atributos sociais, ambientais, políticos e econômicos. Aos princípios da extensão universitária, soma-se também a perspectiva de ação política da arte, que fundamenta as ações do JA.CA<sup>ii</sup>.

O surgimento e concepção do DESEJA.CA devem-se primordialmente ao desejo da Professora Natacha Rena em compartilhar sua experiência como coordenadora do premiado projeto ASAS – Artesanato Solidário do Aglomerado da Serra, desenvolvido por ela na FUMEC, desde 2007<sup>iii</sup>.

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

O DESEJA.CA, iniciou-se, portanto, a partir desta referência, considerando a metodologia já existente, adaptando-a para uma nova dimensão. Com este novo projeto, pretende-se trazer para o contexto da UFMG, do JA.CA e do Bairro Jardim Canadá uma inovadora metodologia de ação envolvendo capacitação em artesanato e design, que procura, através da inquietude artística, ultrapassar a escala do design e alcançar uma abrangência arquitetônica e urbana.

O programa iniciou-se em 2011 com o Projeto MAR.CA – Marcenaria Canadá, com uma equipe coordenadora composta pelas professoras da UFMG, Juliana Torres de Miranda e Natacha Rena, pela diretora do JA.CA, Francisca Caporali, e pelo psicólogo e marceneiro voluntário Mateus Mesquita. Em 2012, com objetivo de ampliar as possibilidades de ações do grupo incorporam-se outros três projetos - ESTAM.CA – Estamparia Jardim Canadá; TE.CA – Tecelagem Jardim Canadá e GRAF.CA - que, juntos com o MAR.CA, passam a conformar o Programa DESEJA.CA (ver fig.1).

Figura 1 – Diagrama geral das parcerias e projetos do Programa DESEJA.CA



De que maneira esta ação relaciona-se ao debate desta Sessão Temática que tem como foco os processos de produção do espaço urbano e as contraposições aos seus mecanismos segregadores? Pretendemos então responder a esta questão a partir de uma discussão de nossos pressupostos teóricos, que é fundado na leitura de alguns autores, filósofos, geógrafos e sociólogos de referência marxista e deleuzeana como: Milton Santos (2002 e 2005), Boaventura Souza Santos (2006 e 2007), Roberto Luis Monte-Mór (1994 e 2006), Henri Lefebvre (2006 e 2008), Peter Pål Pelbart (2003), Michel Hardt e Antonio Negri (2001 e 2005) e Giuseppe Cocco (2009). A partir dessa perspectiva, podemos fazer uma análise sobre a natureza do urbano no bairro Jardim Canadá, reconhecendo ali as manifestações de um processo de produção de espaço segregador, mas ao mesmo tempo, reconhecendo as potencialidades e as virtualidades de uma alternativa inclusiva de produção desse espaço, e, assim, apresentar sucintamente o Programa, seus objetivos e metodologia.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Pensando a extensão universitária e a arte engajada como possíveis vetores promotores do desenvolvimento sustentável de locais onde a exclusão social se faz evidente, a perspectiva

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

teórica da estratégia geral de ação do Programa DESEJA.CA pode ser circunscrita em torno das de referências teóricas que se contaminam em seus percursos conceituais.

**PRESSUPOSTO 1: existência de mecanismos e dispositivos de exclusão nos processos de produção do espaço e alternativas de desenvolvimento**

O conjunto dos textos em que nossa atuação se fundamenta tem em comum uma crítica da sociedade contemporânea: compreende a sociedade a partir dos meios de reprodução das relações de produção (relações sociais) e, ao mesmo tempo em que são críticos, analisando as contradições e explicitando seus mecanismos de opressão e dominação, possuem um horizonte utópico, isto é, vislumbram caminhos e potenciais de superação.

Há um pensamento hegemônico, positivista, desenvolvimentista e neoliberal fortemente presente nas teorias urbanas. Como contra-ponto, há um pensamento negativista, pessimista, que ataca frontalmente o capital e solicita uma volta a um estado-nação forte no comando. E há também outras formas de compreender o mundo atual globalizado, um *outro* pensamento, fora desta dicotomia dialética direita x esquerda, capital x trabalho, que faz parte de um movimento engajado e otimista com relação à formação de um contra-poder imperial. Poder-se-ia chamar esta *outra* maneira, mais complexa e potente de ver o mundo, de *Pensamento Político da Diferença*. Indignados com o capitalismo esquizofrênico, mas compreendendo que ele está em toda parte, pensadores como Michel Hardt, Toni Negri, Peter Pál Pelbart, Giuseppe Cocco (na esteira da filosofia proposta por Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari), entendem que é possível criar forças contrárias ao poder imperial, porém de dentro do próprio Império.

HARDT & NEGRI (2001) advogam a existência de uma ordem mundial, o Império, “uma nova ordem global, uma nova lógica e estrutura de comando, uma nova forma de supremacia” (p. 11), em que, num processo intenso de globalização, os Estados-Nação se vêem cada vez com menos poder de regular fluxos de produção e troca. Os autores, ao tentar elucidar as subjetividades que animam esta realidade social, descrevem os processos de biopolítica em que o poder do Império atinge a produção da própria vida social, “na qual o econômico, o político e o cultural cada vez mais se sobrepõem e se completam um ao outro” (p. 13), onde o poder aprendeu a controlar a vida por dentro, por dentro dos corpos e cérebros dos cidadãos. Segundo Pelbart:

o Império é uma das novas estrutura de comando, em tudo pós-moderna, descentralizada e desterritorializada, correspondente à fase atual do capitalismo globalizado. O Império, diferentemente do imperialismo, é sem limites nem fronteiras, em vários sentidos: engloba totalidade do espaço do mundo, apresenta-se como fim dos tempos, isto é, ordem a-histórica, eterna, definitiva, e penetra fundo na vida das populações, nos seus corpos, mentes, inteligência, desejo, afetividade. Totalidade do espaço, do tempo, da subjetividade. Jamais uma ordem política avançou a tal ponto em todas as dimensões, redescobindo a totalidade da existência humana. No entanto este poder já não se exerce verticalmente, desde cima, de maneira piramidal ou transcendente. Sua lógica em parte inspirada no projeto constitucional americano é mais democrática, horizontal, fluida, esparramada, em rede, entrelaçada no tecido social e a sua heterogeneidade, articulando singularidades étnicas, religiosas, minoritárias. O Império coincide com a sociedade de controle, tal como Deleuze, na esteira de Foucault, o havia tematizado. Em substituição aos dispositivos disciplinares que antes formatavam nossa subjetividade, surgem novas modalidades de controle. Em lugar do espaço esquadrihado pela família, escola, hospital, manicômio, prisão, fábrica, tão característicos do período moderno e da

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

sociedade disciplinar, a sociedade de controle funciona através de mecanismos de monitoramento mais difusos, flexíveis, móveis, ondulantes, 'imanente', incidindo diretamente sobre os corpos e as mentes, prescindindo das mediações institucionais antes necessárias, que de qualquer forma entraram progressivamente em colapso. O novo regime de controle em espaço liso e aberto se exerce através de sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento, e é como que interiorizado e reativado pelos próprios sujeitos, no que os autores chamam de um estado de alienação autônoma. Através de redes flexíveis, moduláveis e flutuantes, o poder muda de figura, amplia seu alcance, penetração, intensidade, bem como sua capacidade de mobilização. (PELBART, 2003: 81-82)

Esta centralidade da vida cotidiana, do *bios* social, indissociável do cultural, do político e do econômico, capturado pela produção capitalista, é também central para Lefebvre, que aborda sobre este enfoque a problemática do espaço, questão central para nós, arquitetos e urbanistas. Lefebvre entende o espaço não a partir de uma abstração fragmentada da ciência e da arquitetura e urbanismo modernos, mas como instrumento interno aos mecanismos de reprodução das relações de produção e, portanto, atrelado à vida cotidiana.

(...) a re-produção das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos lazeres e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro. (LEFEBVRE, 2008: 7)

No entanto, é justamente nesta condição biopolítica, nesta nova subjetividade, que estariam contidas as formas de superação do Império, as possibilidades de se inventar novas formas democráticas e novos poderes constituintes de uma sociedade global alternativa – a biopotência - como reconhecem Hardt & Negri:

A transição para o Império e seus processos de globalização oferece novas possibilidades para as forças de libertação. (...) As forças criadoras da multidão que sustentam o Império são capazes também de construir, independentemente, um Contra-império, uma organização política alternativa de fluxos e intercâmbios globais. Os esforços para contestar e subverter o Império, e para construir uma alternativa real, terão lugar no próprio terreno imperial. (HARDT & NEGRI, 2001: 12- 15)

Portanto, a partir de HARDT & NEGRI (2005), o conceito de Multidão (outro nome para biopotência) torna-se central para uma ação de promoção de melhoria de qualidade de vida no Bairro Jardim Canadá. Isso implica compreender a potência criativa local para a criação de novos circuitos de cooperação e colaboração que se alarga no contexto global, facultando uma quantidade infinita de encontros. A multidão pode ser encarada como uma rede:

uma rede aberta e em expansão na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualmente, uma rede que proporciona os meios de convergência para que possamos trabalhar e viver em comum. (HARDT & NEGRI, 2005: 12)

O Programa DESEJA.CA fundamenta-se, inicialmente, no reconhecimento dos mecanismos excludentes presentes no interior dos processos de produção do espaço nas metrópoles contemporâneas e na crença na possibilidade de uma promoção de desenvolvimento mais sustentável socialmente via uma atuação que considere o território nas suas dimensões locais e globais, baseando suas diretrizes em parcerias e redes colaborativas estabelecidas com coletivos de arte e arquitetura latino-americanos (coletivos colombianos Oficina Informal e Paisajes Emergentes; coletivo equatoriano Al Borde, dentre outros). Fazer juntos e criar novas formas de produção do conhecimento: dentro da universidade, nas relações criadas com

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

moradores do bairro, nas redes latino-americanas. Entende-se o território como o lugar potente para criação de redes colaborativas em diversas camadas, quando o global e o local se cruzam potencializando ações envolvendo ensino, pesquisa e extensão no campo do design e da arquitetura, assim como atividades artísticas de engajamento social.

Esta leitura social e política do território fundamenta nossa compreensão da interação entre as dinâmicas urbanas e mecanismos de pobreza e exclusão no bairro Jardim Canadá e, ao mesmo tempo, fundamenta-nos a idéia de um desenvolvimento alternativo, que promova a qualidade de vida em múltiplos aspectos para a maioria da população, a inclusão social, o empoderamento social e político, como a constituição de mecanismos para fazer cruzar as potências locais, agenciando projetos que são simplesmente ativadores de conexões entre a Multidão local (e a urbana como um todo), assim como global. Estas redes colaborativas tornam as diretrizes de ação no Programa potentes para um desenvolvimento não desenvolvimentista. Um desenvolvimento que possa criar urbanidades mais justas socialmente num processo colaborativo envolvendo múltiplos atores sociais. Portanto, a idéia do Programa DESEJA.CA de ser um programa de desenvolvimento sustentável, passa pela idéia de participação ativa da comunidade.

Essa definição que busca o desenvolvimento sustentável opõe-se ao modelo de desenvolvimento dominante, que promove a fusão de empresas, a concentração do capital e da renda, o aumento da desigualdade social, a exclusão social, a segregação urbana, (...). Mesmo nas épocas em que houve crescimento, não se reduziu a desigualdade. (...) queremos um desenvolvimento que beneficie a grande maioria da população; queremos um desenvolvimento com distribuição de renda; queremos um desenvolvimento que seja um projeto identificado com as aspirações da população e sustentado por ela. (BAVA, 2004: 110)

**Pressuposto 2: tecnologia social e gestão solidária**

A estratégia de ação do DESEJA.CA fundamenta-se também no conceito de TECNOLOGIA SOCIAL - como alternativa à noção dominante de produção de conhecimento e tecnologia (fundada na visão neutra, essencialista e triunfante da ciência). Tecnologia social é um termo que vem sendo desenvolvido no meio da própria ciência e nas instituições voltadas para políticas públicas. Consiste em técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas na interação com a população e associadas a formas de organização coletiva que representam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida (LASSANCE E PEDREIRA 2004: 66). Esta estratégia tem como princípio a noção de inovação e abordagem sociotécnica, contrária à noção de tecnologia desenvolvida a priori e então repassada a quem irá aplicá-la. Como inovação social, reconhece-se a ligação entre condições sociológicas e técnicas, e considera que todos os atores sociais (não só os técnicos ou pesquisadores) devam participar do processo de produção de conhecimento e tecnologia.

Sabe-se que as táticas inventivas de objetos e soluções arquitetônicas adotadas no cotidiano das populações de baixa renda, com escassez de recursos, surgem de maneira espontânea utilizando da extrema criatividade que também é própria do homem comum. Acredita-se que:

todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. (...)

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Todos e qualquer um, e não apenas os trabalhadores inseridos numa relação assalariada, detêm a força-invenção, cada cérebro-corpo é fonte de valor, cada parte da rede pode tornar-se vetor de valorização e de autovalorização. Assim, o que vem à tona com cada vez maior clareza é a biopotência do coletivo e a riqueza biopolítica da multidão. (PELBART, 2003:139)

Reconhecemos, portanto, a necessidade de se gerar desenvolvimento de tecnologias sociais reaplicáveis que sejam construídas coletivamente, no encontro dos saberes acadêmicos, populares e também artísticos. É importante evitar um olhar apenas estético-formal sobre inventos cotidianos (arquitetônicos e de design), mas incentivar um olhar astuto para apreender novas tecnologias, menos científicas e mais experimentais, menos estratégicas (planejadas) e mais táticas (de ocasião).

Um importante autor para esta compreensão do valor dos inventos cotidianos é Michael de Certeau. Se, segundo CERTEAU (2003), a estratégia postula um lugar como próprio e constrói uma base para gestão de suas relações com a exterioridade, a tática só tem por lugar o do outro. Ela insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Não dispõe de base para capitalizar os seus proveitos. Pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigília à espera da oportunidade.

Na tática, a arte de dar o golpe é o senso da ocasião. A tática é a arte do fraco e este pode tirar partido de forças que lhe são estranhas. Espera de momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos. As invenções táticas (edifícios, utensílios, roupas, móveis, sinalizações, etc.) produzidas pelos habitantes das favelas, das ruas, dos locais desprovidos de *status* financeiro que possibilitam a compra de objetos de design, são costumeiramente consideradas marginais pelas autoridades do design e da arquitetura, e estão, quase sempre, excluídas das referências oficiais da cultura de um lugar. As engenhosidades, muitas vezes chamadas de gambiarras, construídas a partir da necessidade, não são planejadas, nem pesquisadas, nem aprovadas por normas, apenas desenvolveram táticas eficazes para sobrevivência numa situação onde a população é carente de recursos para adquirir produtos industrializados e novos, ou para construir casas projetadas e dentro das normas da cidade oficial.

Para CERTEAU (2003), há no homem comum e anônimo um homem extremamente inventivo, considerado herói comum, caminhante, inumerável que se difere dos nomes próprios, e produz num ambiente de cultura ordinária onde a ordem é exercida por uma arte de fazer. Há uma economia do dom, uma estética de lances, um estilo de invenções técnicas, uma ética da tenacidade. O autor parte do interesse, não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações de desvio dos produtos por uma prática inovadora dos seus usuários. Estas seriam maneiras ou modos de fazer diferentes que marcam socialmente o desvio operado em alguns produtos por uma prática, criações anônimas e perecíveis que surgem instantaneamente e não se capitalizam. Há nestas práticas uma inversão de perspectiva que desloca a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos para a criação anônima que nasce da prática do desvio no uso destes.

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do 'fraco' na ordem estabelecida pelo 'forte', arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos. (CERTEAU, 2003: 13)

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

O que interessa a este autor são as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes que manipulam materiais e produtos a partir da bricolagem e da inventividade artesanal. Interessa os movimentos de micro-resistências, que fundam as micro-liberdades e deslocam as fronteiras das relações hierárquicas de poder sobre a Multidão.

Seguindo a trilha deixada por Michel Foucault, CERTEAU vê nos dispositivos inventados uma vampirização das instituições que reorganizam clandestinamente o funcionamento do poder, ou seja, uma atuação microfísica do poder. O autor detecta, já nos anos 60, a importância de pesquisas destes outros modos de utilizar produtos consumidos de forma subversiva e curto-circuitam as encenações institucionais.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção qualificada de 'consumo': esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 2003: 39)

Porém, mais do que o homem comum, que habita anonimamente as cidades e o campo, desenhado por Certeau, este homem comum habitante das favelas, excluído do esquema oficial da cidade formal, extrapola a noção do consumidor criativo e detém uma enorme força inventiva para atuar no seu cotidiano. A partir da urgência para sobreviver, os habitantes das favelas produzem design e arquitetura de forma super inventiva, devido à imediatividade que solicita improvisação – criação não planejada. A invenção nestas circunstâncias se torna “um acontecimento jubiloso, uma combinação singular, encontro, hibridação, novo agenciamento das relações entre forças, rearranjo. A invenção é uma pequena diferença introduzida no mundo e tem que ver com novas formas de cooperação que ela enseja.” (PELBART, 2003: 113)

Poderíamos mesmo afirmar que as invenções táticas praticadas pelos homens ordinários, sem pretensão de arte, são resultado e processo constitutivos de novas formas de vida, belicosas e astutas, atuando como modos de subjetivação emergentes pelos excluídos do trânsito empregatício convencional das cidades formais.

Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. (PELBART, 2003: 23)

Há, portanto, um desejo e uma necessidade para o universo do design atual de chamar a atenção para os recursos criativos dos fracos em sua rotina invisível dentro do esquema geral dos grandes discursos que abordam a estética como manifestação da arte do design (legitimados por escolas, universidades, galerias e crítica). O realmente atrativo destas micropolíticas do cotidiano, resistências fracas, é que está construída onde não se conforma a cultura hegemônica e divulgada de um lugar. Estas atravessam a vida cotidiana que dos escondidos que continuam de fora das histórias oficiais e representam as minorias marginalizadas. Enfim, existe aqui uma aposta na microanálise e no estudo do particular.



**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Como detectar modos de subjetivação emergentes, focus de enunciação coletiva, inteligências grupais que escapam aos parâmetros consensuais, às capturas do capital e que não ganharam ainda suficiente visibilidade no repertório de nossas cidades? (PELBART, 2003:139)

**Pressuposto 3: empreendedorismo social a partir da interface ente arte, design, arquitetura e urbanismo**

Outro fundamento do DESEJA.CA é o reconhecimento do potencial do encontro entre artesanato, arte, design, arquitetura e urbanismo, em processos de criação colaborativa, para conjunto de ações que incentivam a elaboração de políticas para geração de renda e reposicionamento social, empoderando comunidades em estado de vulnerabilidade social, promovendo sua autonomia criativa e de gestão e intervindo positivamente na qualidade do meio-ambiente construído.

A abordagem política das fronteiras entre a arte, o design e a arquitetura entende estas disciplinas como potentes de transformação social e repletas de dispositivos capazes de disparar ações que ativem o reposicionamento social das comunidades envolvidas, além de possibilitar a construção de uma rede colaborativa de criação, produção e pensamento acerca destas disciplinas e suas interfaces.

Isso implica não apenas uma transformação da idéia de artesanato como uma produção de baixo valor agregado, mas também uma revisão dos conceitos e princípios da arte, do design e da arquitetura, para uma perspectiva social.

A conjunção do artesanato com design permite vislumbrar uma estratégia de economia criativa e solidária em design social. Busca-se por processos inovadores de produção que resultem na construção de objetos de design, contendo fortes características locais e, portanto, alto valor agregado. O incentivo à elaboração de produtos singulares surge em paralelo com o crescimento de um mercado de consumo responsável, que valoriza cada vez mais produtos com propostas estéticas contemporâneas alinhadas às tendências do universo do design sustentável e, ao mesmo tempo, produzido por comunidades de artesãos locais. Do ponto de vista da arquitetura social, vislumbramos processos de transformação e melhoria dos espaços públicos e privados a partir da intensa participação e envolvimento de seus habitantes, ao mesmo tempo em que se buscam soluções alternativas de construção que possam ser apropriadas pelos próprios cidadãos.

Outra mudança de paradigma que a idéia de design e arquitetura social traz é em relação à criação colaborativa em oposição à idéia de criação autoral, comumente incentivada nos cursos de arquitetura e design. A noção de gestão e trabalho colaborativo é fundamental para os processos que visam ao desenvolvimento de estratégias de negociação e troca de conhecimento, acadêmico e popular. A inovação social surge no embate cotidiano de idéias entre pessoas com origem social, cultural e econômica diversas. Estas práticas participativas reforçam a idéia de grupo, reafirmando uma identidade local, que, mesmo sendo híbrida e multifacetada, auxilia na consolidação de uma equipe criativa e produtiva coesa, promovendo a desejada autonomia criativa e de gestão do núcleo produtivo.

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012**Pressuposto 4: extensão universitária**

Todos os marcos conceituais acima deságuam na nossa concepção sobre a extensão universitária. Esta não é vista como assistencialista, nem como a aplicação ou repasse de um saber construído intramuros. Extensão, pesquisa e ensino se interrelacionam na produção, construção e difusão de um saber singular, engajado, político e comprometido com a realidade social. Também como objetivo central da ação extensionista, está o empoderamento dos beneficiários e dos alunos, técnicos e professores como agentes do saber, numa estrutura não hierarquizada entre o saber erudito da universidade e saber popular dos moradores e empreendedores e parceiros locais. Acredita-se que todos são beneficiados, ao contrário do sentido da palavra beneficiário que geralmente se refere apenas à comunidade externa.

Realizar uma atuação militante dentro da universidade exige que se faça um movimento de cruzamento: entre os saberes populares e eruditos, entre os modos de vida da periferia e dos seus técnicos, alunos e professores. Cruzar as fronteiras, territoriais e espaciais, mas também, e principalmente, sociais. Acredita-se na extensão universitária como uma ferramenta de entendimento do contexto real da sociedade e o lugar da ação pra fora das salas de aula e dos gabinetes. Dentro das Universidades, a extensão é o ponto de resistência.

Segundo o Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. No mesmo sentido, Boaventura de Souza Santos defende a extensão enquanto atuação social indissociável do ensino e da pesquisa:

numa sociedade cuja quantidade e qualidade de vida assenta em configurações cada vez mais complexas de saberes, a legitimidade da universidade só será cumprida quando as actividades, hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das actividades de investigação e de ensino. (SANTOS apud SOBRINHO, 2000: 50)

Pensando no ensino e na produção do design e da arquitetura, é necessária a introdução de outras formas para lidar com os processos de criação, que possibilitem novos parâmetros para a consolidação da produção de um campo expandido para estas disciplinas, que possa existir de uma maneira mais social e política, criando um ambiente para a existência de ações mais engajadas e militantes. O fazer apenas estratégico e planejado do projeto de design ou de arquitetura não atinge o campo social e político necessário para a transformação de nossa realidade. Produz-se para o mercado e através do mercado, lança-se, em segundo plano, os projetos coletivos e colaborativos, que não necessitam de uma autoria criativa. É por isto que se abre aqui uma defesa tanto das ações de extensão, quanto do processo de criação e produção artesanal. Aprender fazendo, com o outro, coletivamente. Produção sem assinatura, sem a forma em evidência. Processo como foco. Conhecimento na troca desierarquizada. Fazer design e arquitetura como se faz política.

**3. O BAIRRO JARDIM CANADÁ**

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

O caso específico do Jardim Canadá é bastante representativo dos processos metropolitanos contemporâneos de produção de espaço e ajuda a entender a lógica que pode se aplicar às franjas metropolitanas em geral, sobretudo àquelas inseridas em meio a regiões de expansão do mercado imobiliário de alta renda e de formação de um meio urbano quase desprovido de centralidades e dos elementos que possibilitam uma vida urbana emancipadora.

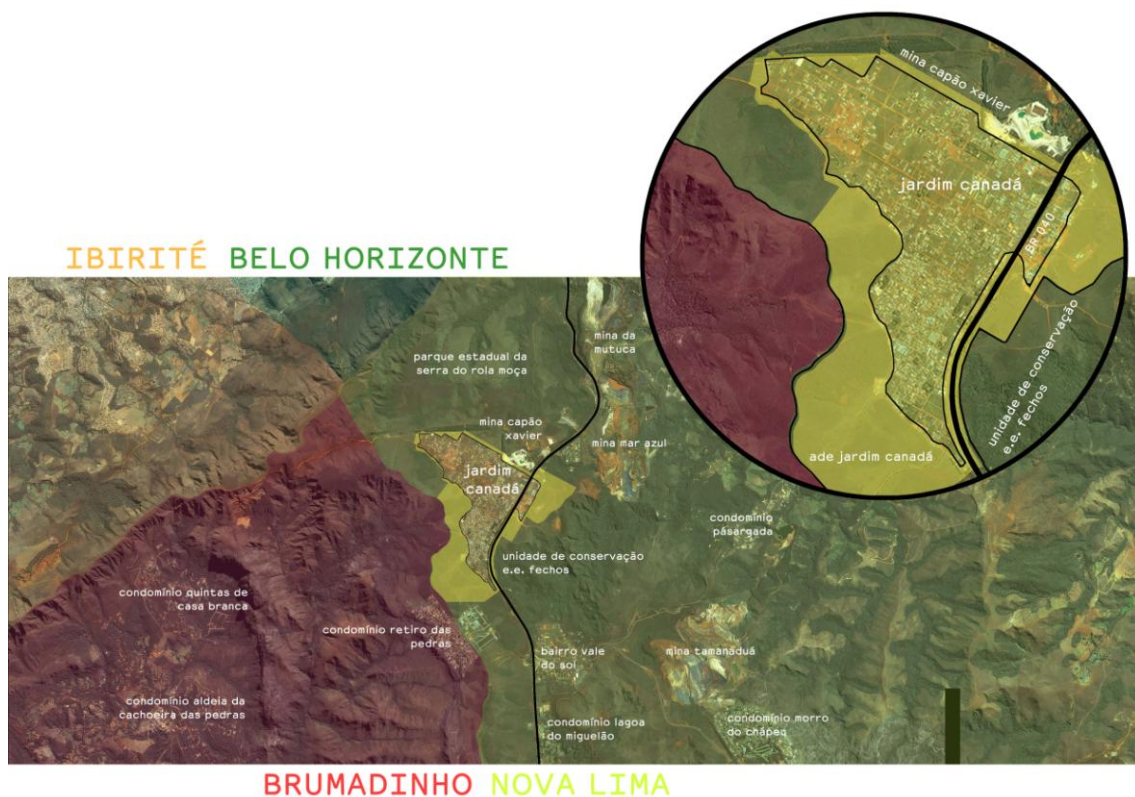
O Bairro Jardim Canadá inicia-se nos anos 50 como um loteamento do município de Nova Lima em área complementemente dissociada dos tecidos urbanos tanto da cidade de Nova Lima como de Belo Horizonte, ao longo da rodovia BR040, rodeado de áreas de proteção ambiental. Nasce como um empreendimento que pretende explorar o potencial de uma nova ocupação que surgia no eixo sul da região metropolitana de Belo Horizonte: os condomínios residenciais unifamiliares de luxo. O vizinho Retiro das Pedras é pioneiro nesta iniciativa e obteve sucesso mobiliário imediato. No entanto, o loteamento Jardim Canadá, não previsto como condomínio e sem infraestrutura básica, não logrou sucesso. Seus terrenos mantiveram-se com baixa ocupação e se tornaram oportunidade para ocupação irregular por meio de invasões que ocorreram entre os anos 60 e 70, principalmente. Atraídos pela oferta de emprego em construção civil na região sul da metrópole, os primeiros moradores foram se instalando de maneira precária em terrenos apossados, adquiridos a preços baixos, ou ocupando terrenos previstos para equipamentos públicos e institucionais.

A partir dos anos 90, com a intensificação dos empreendimentos de condomínios e consolidação do eixo sul como expansão mobiliária de classe alta da região metropolitana, o bairro passa a assumir papel de pólo de serviços. Surge uma rede de serviços e de comércio, em atendimento às demandas cotidianas da expansão residencial. Além disso, o bairro cresce com a implantação de empresas e pequenas indústrias do setor da construção civil e moveleira.

Hoje, o bairro situa-se ilhado entre as margens de um parque natural, uma mineração, condomínios de luxo e uma importante rodovia federal, no entroncamento de três municípios da região metropolitana – Nova Lima, Brumadinho e Belo Horizonte (ver fig. 02). A relação entre esses vizinhos imediatos e a própria identidade árida de uma comunidade formada por imigrantes recentes se explicita em paradoxos recorrentes de pobreza e periferia. Ao mesmo tempo em que o bairro atua como pólo de serviços e de comércio dos condomínios residenciais - fragmentos de um urbano desprovido de cidade, característicos da expansão urbana do eixo sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte - mantêm-se bolsões de pobreza, revelados pelos índices locais<sup>iv</sup>. Desta população, a maioria está desempregada, realizando, eventualmente, pequenos serviços para sobrevivência e se mantém no bairro com dificuldade, devido à escassez de oferta de habitação de baixo custo na região, ao alto preço dos aluguéis cobrados nos cortiços e à pressão velada sobre os moradores de terrenos não legalizados. No zoneamento atual, apesar da grande irregularidade da ocupação local, poucas áreas são demarcadas como ZEIS.

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 02 – Mapa de vizinhanças do Bairro Jardim Canadá



Entre um pólo e outro – da pobreza e da expansão do espaço da valorização mobiliária – percebe-se a formação de uma pequena urbanidade, com sua micro-economia, apropriação e vivência do espaço público. A coexistência de múltiplas realidades – os imigrantes, a classe alta, comerciantes, mineradoras e usuários temporários – deixa transparecer um tecido heterogêneo. O bairro surge como um espaço residual da diferença, entremeadado de experiências sem-lugar como consequência disso e como expressão das verticalidades que ligam o global ao local.

No entanto, os processos de produção do espaço no âmbito dos circuitos de valorização do capital imobiliário, já em curso no local e a serem impulsionados pelos planos do município e da metrópole, ameaçam essa emergente urbanidade e tendem a expulsar dessa nova centralidade uma população de baixa renda num processo radical de gentrificação. No contexto do circuito de mineradoras e áreas de proteção ambiental, ou seja, de tantos

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

territórios protegidos à ocupação informal, aonde iria se fixar essa população? Uma vez que a mera melhoria da infra-estrutura tende a ser ela mesma um fator indutor da valorização da região e conseqüente especulação imobiliária, por sua vez responsável pela expulsão das populações mais pobres, que mecanismos devem ser pensados de modo a impedir a reprodução desta lógica recorrente, de custos sociais, espaciais e ambientais tão altos?

A região reflete a efemeridade da cidade no urbano contemporâneo: constituída espontaneamente, a região do Jardim Canadá é quase instantaneamente ameaçada por processos de expansão da metrópole. A cidade se torna um ente socioespacial temporário, surgida em meio a processos de transformação diversos que atuam na escala da região e que passa a dar lugar a um meio potencialmente gentrificado. A cidade se torna vítima do seu próprio sucesso (MAGALHÃES, LINHARES e MONTE-MÓR, 2006).

Além desse cenário social, destaca-se a questão do lixo gerado no bairro - principalmente pelas micro-indústrias locais e mineradoras - que pode ser considerado ao mesmo tempo um problema e como um potencial, devido a sua possibilidade de reciclagem. Uma atenta observação nas formas de apropriação dos espaços cotidianos do bairro, deixa revelar o potencial desses resíduos, seja pela prática difundida de colher e armazenar esses resíduos, seja por uma série de soluções inventivas, de táticas, que a população comum desenvolve, utilizando-os. Esses resíduos e essas inteligências coletivas vêm sendo mapeadas pelo DESEJA.CA como referências para a construção de novas tecnologias sociais. A figura 03 mostra fotos catalogadas nos inventários já produzidos pelo grupo. No Mapeamento dos Resíduos do Jardim Canadá foram registrados os resíduos das empresas do bairro, catalogando os tipos de resíduos (madeira, ferro, pedra, etc.), o destino dado a eles (doação, venda, reciclagem, etc.) e as características próprias do material. Foi criada uma ficha para cada empresa, com fotografia do material, além dos nomes dos responsáveis pela empresa, contato e possível interesse em doar ao projeto. Nesta pesquisa comprovamos a suposição de que a madeira seria material descartado com grande frequência no bairro. No Mapeamento dos Inventos do Bairro Jardim Canadá, foram documentados mais de 300 inventos, detalhando em cada ficha fotos, desenhos descritivos, localização e lista de materiais usados. O documento produzido reconhece o saber popular e evidencia os problemas enfrentados pela comunidade do bairro.

Figura 03: Diversidade de soluções de lixeiras no Jardim Canadá.  
Fonte: acervo do Programa DESEJA.CA

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Esboça-se assim o cenário que se pretende enfrentar. Por um lado, a vulnerabilidade das famílias habitantes no bairro Jardim Canadá, situadas na linha de pobreza e ameaçadas de expulsão do processo de desenvolvimento do bairro devido a dificuldades de inserção na dinâmica econômica e geração de renda. Por outro lado, há uma grande produção de resíduos no bairro, principalmente de madeira, passíveis de reciclagem e já demonstrada pelas soluções inventivas adotadas pela população, além de um leque enorme de inteligências coletivas locais, táticas de sobrevivência fora da lógica comum do design industrial e do planejamento arquitetônico, que utilizam os resíduos para a produção de soluções cotidianas extremamente singulares.

Surgem algumas questões importantes para o Programa DESEJA.CA: estamos – profissionais designers, arquitetos, urbanistas e planejadores - preparados para intervir positivamente nos processos de transformações territoriais e de produção do espaço de uma maneira que sejam reforçadas as qualidades da urbanidade e não sua aniquilação? Podemos realizar processos de intervenção no local, construindo redes globais, novas conexões com a Multidão? É possível pensar o design através e contaminado pelas forças criativas desta Multidão que produz seus inventos cotidianos totalmente fora da lógica do mercado industrial?

#### **4. OBJETIVOS E METODOLOGIA DO PROGRAMA DESEJA.CA**

Ao contrário da estratégia focada, por um lado, em desenho urbano esvaziado de conteúdo político e social, e por outro, em projetos sociais não territorializados, como vem sendo tomada pelo município de Nova Lima, como meio de melhoria da qualidade de vida no bairro Jardim Canadá, pensamos o Programa DESEJA.CA sobre um viés diferente. Tomamos como pressuposto que o empoderamento desta população vulnerável seria a estratégia fundamental para sua fixação no bairro, através não só da geração de renda, mas do fortalecimento de sua autoestima, da promoção de sua autonomia e protagonismo social e político. Nosso objetivo é, portanto, promover o desenvolvimento sustentável via economia solidária. Não consiste em um programa específico de habitação ou de planejamento urbano, mas pretende ter

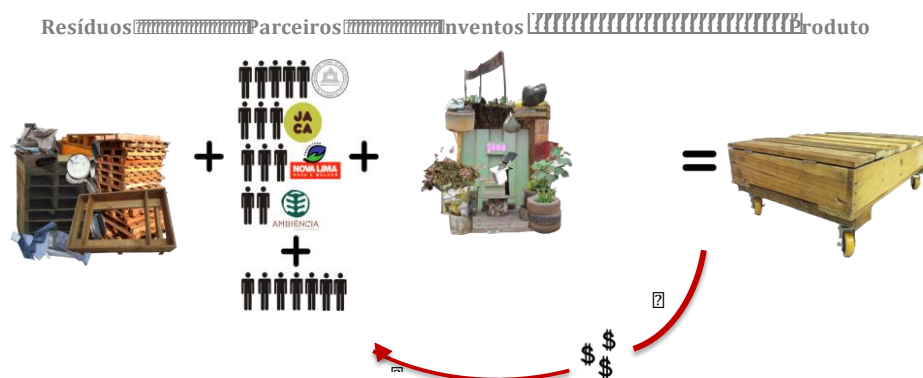
**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

repercussão indireta nessas áreas a partir do empoderamento da comunidade, da geração de renda e de intervenções urbanas pontuais. Em longo prazo, espera-se repercussão na qualidade do meio-ambiente por meio de influência nos projetos de expansão e crescimento do bairro e melhorias nas habitações existentes, por meio dos próprios moradores como atores políticos e auto-construtores.

Como metodologia, pretendemos a inserção de um grupo de beneficiários em processos de empreendedorismo social em núcleos de produção de artesanato e design, com resíduos coletados no bairro, visando à inclusão produtiva via economia criativa e solidária. No entanto, para a capacitação e a geração de renda, aliadas ao empoderamento, não vislumbramos a inserção imediata desses beneficiários como mão de obra nas empresas locais, mas visamos à preparação para sua autonomia e empreendedorismo individual e coletivo, que possam se concretizar na forma de associações e cooperativas produtivas. Além disso, um programa de capacitação deve também considerar o potencial do mercado local e dos resíduos disponíveis, vislumbrando a produção de objetos reciclados de design, mobiliário e material para construção civil que possam ser comercializados localmente e em mercados mais abrangentes.

Espera-se articular estes grupos produtivos com o mercado consumidor de objetos com alto valor agregado devido às características identitárias que estarão presente nos produtos, resultado de uma metodologia de criação voltada para a valorização das singularidades da cultura local. Assim, pretendemos articular as inevitáveis escalas locais e globais da produção do espaço, como nos mostrou Milton Santos. A fig. 04 ilustra esta dinâmica de produção.

Figura 04 – Diagrama do Programa DESJA.CA: Esquema de ações e objetivos



A estratégia para a produção de objetos com valor agregado parte de uma cuidadosa e criativa observação das singularidades dos espaços cotidianos, engendrados e experimentados pela comunidade local, de um mapeamento atento às táticas de sobrevivência que os moradores adotam para construir seus artefatos a partir dos lixos abandonados pelas pequenas indústrias locais, encontrados por toda parte. Esta é uma maneira de valorizar e aprender com o conhecimento popular. Com isso, pretende-se por um lado, incentivar a busca de linguagem própria e uma conscientização sobre a qualidade dos espaços domésticos e públicos locais, onde se vive. Pretende-se incentivar uma reflexão sobre como objetos, mobiliário e materiais

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

construtivos podem estruturar e transformar a ocupação dos espaços privados e públicos. Da conscientização das demandas ambientais e da descoberta do valor das soluções espontâneas “inventadas” no cotidiano, pretende-se fazer surgir inusitadas abordagens para as oficinas de design.

Esta estratégia guiou os primeiros objetos produzidos pelo Projeto MAR.CA, nas oficinas de capacitação dos bolsistas e também a concepção e construção do primeiro elemento de intervenção urbana do Programa, o Ponto de Ônibus Expandido (ver fig.5). Com essas estratégias, pretende-se também abordar as questões ambientais do bairro, seja pela conscientização da importância de coleta e tratamento do lixo, seja pela consideração das demandas ambientais dos domicílios e espaços urbanos locais como situação a ser enfocada nas soluções de design, ou, principalmente pela produção, a partir das produções nas oficinas, de intervenções urbanas e arquitetônicas que melhorem a qualidade dos espaços cotidianos da comunidade.

Figura 05 - Ponto de ônibus Expandido – Praça dos Quatro Elementos, Jardim Canadá



Outro importante aspecto a ser destacado é a programação e as atividades de residência artística do JA.CA que acontecem ampliando o DESEJA.CA. O fluxo de artistas, designers e arquitetos de diferentes lugares e contextos, que residem no centro por dois meses, contribuem para a troca de experiências nas fronteiras interdisciplinares da arte, arquitetura e design. Os residentes atuam de forma estratégica para o reconhecimento do local e no estabelecimento de relações com a comunidade, já que eles compartilham as atividades do cotidiano com estes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

O Programa DESEJA.CA nasce a partir de uma metodologia de ação de extensão focada no design, no encontro entre arte e artesanato. Tomamos como desafio, portanto, a introdução de outras formas de lidar com o design que possibilitasse novos parâmetros para a consolidação da produção de um campo expandido para esta disciplina para além do tecnicismo e do mercado de produção em massa, incentivando um desenvolvimento contaminado pelo cotidiano, pela arte, pela arquitetura, pelo urbanismo, e que pudesse existir de uma maneira mais social e política criando um ambiente para a existência de um design mais engajado e militante, contaminando a arquitetura e o urbanismo em ações transdisciplinares.

A militância atual é uma atividade positiva, construtiva e inovadora. Esta é a forma pela qual nós e todos aqueles que se revoltam contra o domínio do capital nos reconhecemos como militantes. Militantes resistem criativamente ao comando imperial. Em outras palavras, a resistência está imediatamente ligada ao investimento constitutivo no reino biopolítico e à formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade. Eis a grande novidade da militância atual: ela repete as virtudes da ação insurrecional de duzentos anos de experiência subversiva, mas ao mesmo tempo está ligada a um novo mundo, um mundo que não conhece nada do lado de fora. Ela só conhece o lado de dentro, uma participação vital inevitável no conjunto de estruturas sociais, sem possibilidade de transcendê-las. Esse lado de dentro é a cooperação produtiva da intelectualidade das massas e das redes afetivas, a produtividade da biopolítica pós-moderna. Essa militância faz da resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor. (HARDT & NEGRI, 2001: 436)

Para investigar a dissolução dos limites entre design, arquitetura e urbanismo, inserindo esses campos numa ação socialmente engajada iniciamos a pesquisa “Novos processo de projeto de Projeto em Arquitetura, urbanismo e design adequados às transformações sócio-espaciais da metrópole contemporânea: fundamentos para intervenções no bairro Jardim Canadá”. Investigamos novos processos de projeto de intervenção urbana e arquitetônica e de design que sejam capazes de:

- Reconhecer, representar e incorporar no processo projetivo a complexidade da dinâmica urbana e o fluxo de transformação constante do espaço urbano, próprios dos processos metropolitanos contemporâneos, de difícil consideração em processos determinísticos e lineares de projeção, vislumbrando mapeamento das demandas, potenciais e problemas da transformação do Bairro Jardim Canadá em nova centralidade urbana do eixo sul de expansão metropolitana;
- Reconhecer, dialogar e incorporar saberes populares em processos de projeto mais adequados à apropriação e transformações dos espaços da vida cotidiana e à participação ativa da comunidade;
- Incorporar materiais e processos de construção alternativos para urbanismo, arquitetura e design, aproveitando potencial de reciclagem de resíduos produzidos na região, principalmente de madeira, vislumbrando seu potencial de processamento, aplicação e comercialização no bairro.

Acreditamos numa nova forma de militância criativa, num outro design, numa outra arquitetura, menos autorais e estéticos, e mais políticos e éticos. A extensão universitária possibilita a realização de ações que alimentam o pensamento e assim num ciclo contínuo, surgem teorias que aprimoram e reinventam as práticas. A extensão não deve ser pensada

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

como simplesmente transferência de conhecimento, ela deve construir conhecimento coletivamente num ambiente de troca constante, incluindo o ensino e a pesquisa. Entende-se que a pesquisa acadêmica precisa funcionar, servir pra alguma coisa que realmente transforme a vida das pessoas ou melhore as condições de habitabilidade no mundo, e, portanto sua relação com a extensão é fundamental: “É isso, uma teoria é exatamente como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante. É preciso que sirva, é preciso que funcione.” (DELEUZE, 2006: 267)

## 6. AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à PROEX/UFMG – Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, FAPEMIG e CNPQ.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAVA, S. C.. Tecnologia Social e Desenvolvimento Social. In: *Tecnologia social – uma estratégia para o desenvolvimento*. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.
- CAPORALLI, F., RENA, N., TORRES, J., YEMAIL, A. Atlas da Diversidade. In: *Parahyba*, Belo Horizonte, 2012. ([http://issuu.com/parahyba/docs/parahyba02\\_genialidades\\_cotidianas](http://issuu.com/parahyba/docs/parahyba02_genialidades_cotidianas))
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COCCO, G. *MUNDOBRAZ*. O devir-mundo do Brasil e o devir-brasil do mundo. Rio de Janeiro: Editora Record. 2009.
- DELEUZE, G. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LASSANCE JÚNIOR, A. E.; PEDREIRA, J. S. Tecnologias sociais e políticas públicas. In: *Tecnologia social – uma estratégia para o desenvolvimento*. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.
- \_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MAGALHÃES, F.N.C.; LINHARES, L., MONTE-MÓR, R.L.. Urbanização extensiva e desconcentração espacial no Eixo Sul do Entorno Metropolitano de Belo Horizonte. In: COSTA, H.S.M. *Novas periferias metropolitanas – A expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmicas e especificidades no Eixo Sul*. Belo Horizonte: C/ Arte, 2006.
- MARGOLIN E MARGOLIN in: Um ‘Modelo social’ de design: questões de prática e pesquisa. *Revista Design em Foco*. Julho-dezembro, ano/vol. I, número 001. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, Brasil. 2004. pp.43-48.
- MONTE-MÓR, Roberto L. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M. et al. (Org.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994. p. 169-181.
- \_\_\_\_\_. A cidade e o urbano. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). *As cidades da cidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- Plano Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC, Brasília: 2000 / 2001
- PELBART, P. P. *Vida capital. Ensaios de biopolítica*. Ed. Iluminuras: São Paulo. 2003.
- RENA, N. S. A. . *Coleção 9 + 1*. Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura FEA - Universidade FUMEC, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Territórios aglomerados*. Belo Horizonte: Universidade FIMEC, 2010.
- RENA, N. S. A. (Org.) ; PONTES, J. (Org.) . *ASAS - Artesanato Solidário no Aglomerado da Serra*. Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC, 2009.
- SANTOS, Boaventura Sousa (org.) *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*. São Paulo, Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das línguas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. n.78. Outubro 2007, pp 3-46.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2005.

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

---

<sup>i</sup> Ver maiores informações das ações do Programa no site [programadesejaca.wordpress.com](http://programadesejaca.wordpress.com)

<sup>ii</sup> O JA.CA é uma iniciativa para o estímulo e o desenvolvimento da arte no Brasil, atuando como uma importante plataforma para o aprendizado e o intercâmbio de experiências. O Centro busca incentivar projetos artísticos que utilizem abordagens e tecnologias variadas para atuar especificamente frente à realidade local, seja através de estímulos educacionais ou ativamentos de práticas colaborativas e promove uma variedade de eventos relacionados à arte, como palestras, oficinas e exposições. No ano de 2010, iniciou suas atividades com o lançamento de um programa de Residência Artística recebendo artistas brasileiros e artistas internacionais, que trabalharam nos ateliês do Centro.

<sup>iii</sup> Ver informações sobre o projeto no site [www.projetoasas.org](http://www.projetoasas.org)

<sup>iv</sup> Segundo dados do IBGE de 2000, o Jardim Canadá possuía 1.049 domicílios e 4.200 habitantes. Hoje, dez anos depois, estima-se que este número esteja em torno de 7.400. Cerca de 65% das 1322 famílias residentes no bairro recebem menos de 3 salários mínimos, a maioria com renda per capita entre R\$127,50 à R\$255,00 (dados IPTU2008); destas famílias, 502 estão cadastradas em programas governamentais de complementação de renda, mas apenas 375 recebem auxílio de programas como Vida Nova (Municipal) e Bolsa Família (dados Prefeitura Nova Lima).